

INVESTINDO
NO AMOR.♥

Postura

Investindo no Amor

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 ANNABELLE SLATOR

ISBN: 978-85-508-2953-1

Translated from original Risky Business. Copyright © 2026 by Slator Creative Ltd. ISBN 9780063383692. This translation is published and sold by arrangement with Avon, an imprint of Haper Collins Publishers., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S631i
1.ed. Slator, Annabelle;
Investindo no amor / Annabelle Slator ; tradução: Andresa Branco – 1.ed. – Rio de Janeiro: Alta Books, 2026.
340 p.; il.; 14 x 21 cm.

Título: Investindo no amor
ISBN 978-85-508-2953-1

1. Ficção: literatura inglesa. 2. Romance contemporâneo.
I. Título.

CDD 823.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: literatura inglesa 823.92

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Coordenadoras da Obra: Beatriz de Assis e Illysbelle Trajano

Tradução: Andresa Branco

Copidesque: Nathalia Marques

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Estúdio Gama



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouidoria: ouidoria@altabooks.com.br



INVESTINDO NO AMOR.♥

ANNABELLE SLATOR

Tradução
Andresa Branco



Rio de Janeiro, 2026

Amostra

*Para quem ousa se arriscar,
mesmo cometendo grandes erros,
não se arrependa de nenhum passo do caminho.*

Amostra

Amostra

CAPÍTULO 1

Saldo da Conta Empresarial (WYST): £13.366,57
Saldo da Conta Pessoal: -£1.957,73

6 de janeiro de 2026

Prezada Srta. Cole,

Agradecemos sua candidatura ao programa de subsídios empresariais da Pioneer Lending. Embora sua proposta seja impressionante, investir no setor de FemTech pode ser imprevisível quando comparado a outros tipos de empreendimento. Diante disso, optamos por não dar continuidade à sua solicitação.

Desejamos sucesso em seus projetos futuros.

Pioneer Lending Ltd.

Pisco rapidamente para a tela do celular. Está tudo bem. Tudo vai ficar cem por cento bem. O buraco no meu estômago grita o contrário, mas endireito os ombros e deixo o ar absurdamente gelado de Londres me trazer de volta à tarefa imediata: encontrar um possível novo investidor para a minha empresa ainda recém-nascida, a WYST. No começo, esse processo até parecia uma aventura divertida, tentar descobrir que tipo de firmas de investimento, investidores-anjo e capitalistas de risco poderiam se interessar por FemTech ou por um negócio liderado por mulheres. Depois veio um dos grandes prazeres da vida: jogar cada mínimo detalhe deles numa planilha meticulosamente organi-

zada, para pesquisar quem realmente combinava comigo. Mal sabia eu que aquilo acabaria se transformando na planilha do desespero e da ruína. Por fim, o toque final: personalizar uma a uma as cartas de apresentação. Polir o pitch deck com floreios sob medida. Explicar como investir na minha empresa expandiria o portfólio deles ou impulsionaria ainda mais a já impressionante sequência de apostas certas, massageando egos ao prometer transformá-los em pioneiros da indústria FemTech. Heróis das mulheres em todos os lugares, pelo baixíssimo preço de algumas injeções trimestrais de capital. Até agora, o resultado tem sido um misto de acertos e portas na cara. Meus pensamentos intrusivos insistem que o problema sou eu, que eles me reconhecem, que o meu nome virou um conto de advertência ecoando pelos corredores de toda empresa de investimento de Londres.

Ao me aproximar do Withering Vine, uma rede de wine bars que o investidor sugeriu para o nosso encontro, meu celular vibra no bolso.

— Oi, estou prestes a entrar. O que foi? — digo para Cecily, gerente de RP e marketing da WYST e minha parceira oficial em todas as enrascadas.

— Então... desculpa, mas você acabou de receber outra ligação do Greg Holmes. Ele perguntou se você teria disponibilidade hoje à tarde para ir ao banco para... — ela começa a ler, num tom completamente neutro — “discutir os passos necessários para regularizar seu recente débito em cheque especial”.

Sinto minhas bochechas pegarem fogo, em contraste direto com o vento congelante.

— Jess? — chama Cecily. — Ainda está aí?

Depois de alguns segundos em silêncio, pigarreo.

— Sim, está tudo bem. Deve ter sido algum mal-entendido. Ligo para ele quando voltar ao escritório.

Zero intenção de fazer isso, obviamente. Mas estou contando que minha desculpa mais recente — um cachorro imaginário gravemente doente — ainda se sustente por pelo menos mais algumas semanas. E, sério, por que ele está me caçando tão cedo no ano? Com certeza existe um período legal, emocional e universal de pelo menos um mês depois do Natal antes de começar a cobrar dívidas pendentes.

— Isso mesmo, quem sabe esse cara de hoje não vira um bom contato — diz Cecily, animada, e eu a imagino jogando o cabelo preto e brilhante para trás, como se nada no mundo pudesse dar errado.

— Ele parecia bem empolgado para conversar, então dedos cruzados! — digo, engolindo aquela pontinha de dúvida.

— Boa sorte! Eu sei que você vai arrasar!

Cecily tem uma habilidade quase instintiva de enxergar o melhor em todo mundo e em tudo. Seu otimismo ensolarado tem sido a principal razão de eu continuar em frente firme e forte no meio do turbilhão emocional das recusas. Ela é minha melhor amiga, mas às vezes, quando o pessimismo começa a se infiltrar, fico pensando em como ela reagiria à verdade. Se eu levantasse o capô e mostrasse que esse negócio é uma bomba-relógio. Por mais que, em certo sentido, fosse reconfortante ter alguém atravessando a lama comigo, essa bagunça foi criada por mim e sou eu quem precisa dar um jeito nela.

Dou um passo para dentro do bar, e o ar gelado de janeiro se dissolve instantaneamente sob o calor de uns trinta corpos espremidos dentro de um wine bar minúsculo. Ao identificar um homem que bate com a foto do perfil, estendo a mão, já ensaiando um aperto firme.

— Oi, Will? Eu sou a Jess, prazer em te conhecer.

Ele levanta os olhos do celular com uma expressão vazia.

— Jess Cole, da Wyst?

Meu sorriso de mil watts começa a falhar, abrindo espaço para o pânico que vai subindo.

Ele pisca.

— Ah, certo. Oi — diz, enfim me poupando de um colapso de ansiedade social ao pegar minha mão. O aperto é frouxo, quase inexistente, e então ele se levanta e me dá um beijo no rosto. Uma descarga elétrica chamosca minha pele, como um taser em miniatura.

— O que você vai beber? — pergunta ele enquanto tiro o casaco e me sento na cadeira de madeira desconfortável à sua frente.

As mesas estão tão grudadas umas às outras que minhas pernas imediatamente encostam nas dele. Tento me encolher, dobrando o corpo num contorcionismo constrangido como uma sanfona deprimida.

Estamos num wine bar, mas talvez isso seja um teste.

— Ah, bom... como é horário de almoço, então...

— Vamos querer uma garrafa de Château Batailley 2005 — diz Will à garçonete antes de olhar para mim. — Tudo bem para você?

— Claro. — Sorrio, alisando meu único look de “reunião importante”: um vestido preto com espaço estratégico para a camisa e meia-calça por baixo, além de um blazer por cima. Faz eu me sentir como se estivesse brincando de me vestir de adulta.

Will percorre calmamente o contorno do meu rosto com os olhos antes de se recostar na cadeira. O rangido alto soa como um trovão rachando o ar.

— Você parece bem mais velha do que na sua foto de perfil.

Eu deveria ficar chocada com o comentário, mas depois da pós-graduação e de trabalhar numa empresa de finanças, já ouvi coisas muito, muito piores. A foto é do ano passado, o que me parece perfeitamente aceitável dentro dos limites da fotografia corporativa no LinkedIn. Já participei de reuniões com homens que ainda usam a foto da formatura da faculdade — rostos lisos, mandíbulas firmes — quando, na vida real, aparecem carecas, barbados e com barriga de cerveja.

— Foi um dia muito, *muito* longo — digo de brincadeira.

Ele não ri. A boca caída só reforça o total desinteresse pela minha tentativa de humor.

— Aham — responde, meio prestando atenção, meio acompanhando com os olhos a garçonete loira e bonita que vem direto até a nossa mesa com a garrafa e o saca-rolhas. — Sempre acho melhor manter esse tipo de coisa atualizado, para não criar expectativas erradas. Você não quer parecer como se estivesse fazendo *catfish*.

Até concordo em parte, mas ainda assim é uma coisa estranha de se dizer. Finjo que não é nada demais. Talvez, como a escolha do vinho, o humor dele seja só... um pouco seco.

— Eu imaginaria que minha experiência fosse mais importante do que a imagem do meu perfil.

Uma sobrancelha se ergue.

— Depende do tipo de experiência.

Ele solta uma risadinha, e eu o acompanho, forçando um riso enquanto uma sensação crescente de desconforto se instala, como se a minha versão do futuro estivesse me cutucando no estômago com o cotovelo.

Em meio ao tilintar de taças, às gargalhadas altas e às conversas barulhentas das outras mesas, observo Will girar o vinho tinto que escolheu, fazendo o líquido lambe a lateral da taça. Ele cheira, depois dá um gole lento e borbulhante, deixando o sabor percorrer cada papila gustativa. É começo de semana, penso, um pouco cedo para beber com tanta seriedade. Mas Londres, faça calor ou faça frio, deixa todo mundo mais sedento.

— E então, o que achou, senhor? — pergunta a garçonete, com olhos de corça. Ele a percorre sem pudor dos pés à cabeça, ainda no meio do gole, e só então anuncia:

— Uma delícia.

Ela devolve um sorriso forçado, enche minha taça e depois a dele. Quando se vira para ir embora, ergo a taça segurando pela haste.

— Ao passar do tempo.

Ele hesita; o vinho quase transborda pela lateral da taça.

— O quê?

Titubeio.

— O que a gente estava comentando agora há pouco... minha foto de perfil?

Os ombros dele se retesam.

— Ah. Eu preferiria brindar a outra coisa.

— Claro. A que você quer brindar? — pergunto, puxando minha taça de volta.

— Meu bônus de Natal acabou de cair — diz ele, endireitando a postura como uma criança orgulhosa que acabou de ganhar a corrida do ovo na colher no dia de esportes da escola.

— *Parabéns* — engasgo, subitamente tomada por uma vontade urgente de virar o vinho de uma vez.

É o primeiro sorriso genuíno que ele dá desde que nos sentamos. Will encosta a taça na minha, brinda e toma um gole longo e trabalhoso. O vinho não é lá essas coisas, mas agora que sei que ele está nadando em dinheiro e claramente ganha comissão em cima de investimentos, resolvo entrar no jogo e tentar dar uma forcinha para esse motor pegar.

— Hummm, boa escolha — digo com um sorriso, toda doce.

Ele pisca para mim.

— Sou meio fissurado em uvas.

Meu cringeômetro sobe alguns níveis, e eu considero seriamente encerrar essa reunião ali mesmo. Mas as palavras de incentivo da Cecily ecoam na minha cabeça: *só tenta fingir interesse, que uma hora algo encaixa. Finja até conseguir, querida! Investidores gostam de ser mimados primeiro; ir direto ao ponto cheira a desespero. Você precisa agir como se não precisasse do dinheiro deles, como se estivesse fazendo um favor.*

Mas a gente precisa do dinheiro. Precisa *muito*.

Engolindo o orgulho, apoio o queixo na mão, arregalo bem os olhos e aceno com a cabeça.

— E como você ficou tão entendido em vinhos assim?

Ele pigarreia.

— Aprendi com o chefe. Muitos drinks depois do expediente.

— Imagino que seu trabalho seja bem estressante — arrisco.

Ele se espreguiça como o Superman prestes a salvar uma criança no meio do trânsito...

— Nada que eu não dê conta.

Tentando encontrar um jeito de trazer esse navio de volta pra WYST, pergunto:

— Você está com muitos clientes no momento?

Ele se remexe, visivelmente desconfortável.

Merda. Foi uma pergunta estranha?

— Quer dizer... você parece bem importante no trabalho.

Minha perna começa a quicar debaixo da mesa enquanto ele continua falando sobre ele mesmo. Ouvindo esse cara se gabar do salário de seis dígitos antes dos bônus, sinto minha alma e minha conta bancária sendo lentamente drenadas. Eu poderia estar, nesse exato momento, entrando em contato com investidores ou pesquisando novos editais de subsídio. Em vez disso, estou presa ouvindo esse homem discursar sobre seus filmes favoritos (*Pulp Fiction* e *Clube da Luta*, claro), como Jack Kerouac inspirou as viagens pós-faculdade que ele ainda sonha em repetir apesar de estar se aproximando rapidamente dos trinta e cinco, e me informando, com ar de revelação, que o Tame Impala “na verdade é só um cara”.

Viro o resto da bebida de uma vez, lançando um olhar suplicante para a garçonete, torcendo para que ela traga a conta — ou deixe cair uma bigorna na minha cabeça.

— Então... o que você faz mesmo naquela empresa? — pergunta ele, olhando para a mesa enquanto passa o dedo pelo veio da madeira.

A pergunta me paralisa. Estamos há vinte e cinco minutos nessa reunião, e essa é a primeira coisa que ele pergunta que não desemboca direto numa anedota “engraçadinha” sobre a própria vida. Decido dar a ele o benefício da dúvida. Talvez ele seja só do tipo falante quando fica nervoso. Talvez ainda dê para virar esse jogo.

— Eu fundei a empresa. Estamos na fase de pré-lançamento agora, mas temos planos de expansão bem empolgantes chegando. É um ótimo momento para entrar no estágio inicial — digo, mexendo na borda da taça.

— Hummm — responde ele, com um ar de perspicácia. — Eu curto dar uma brincada com cripto.

Ele me conta sobre a carteira digital dele e como foi uma das poucas pessoas do escritório que “não caiu” na moda dos NFTs, porque só comprou “um ou dois”.

— Que ótimo. A minha empresa atua mais no setor de FemTech — digo, com a perna quicando cada vez mais forte debaixo da mesa, já me preparando para apresentar meu caso.

Ele franze o cenho como se eu tivesse acabado de dizer que não acho comediantes homens engraçados.

— O que é FemTech?

Meus lábios se curvam num sorriso ensaiado.

— É um termo guarda-chuva para a tecnologia voltada principalmente para mulheres.

Os ombros dele relaxam.

— Ah, tá, tipo menstruação e essas paradas.

Engulo a indignação.

— FemTech inclui saúde menstrual, sim. Mas a Wyt, minha empresa, é uma plataforma onde mulheres podem conversar gratuitamente com terapeutas, conselheiros e médicos sobre uma ampla gama de questões femininas.

— Certo. — Ele balança a cabeça como se estivesse interessado, mas já dá para ver o olhar ficando vidrado. Talvez seja o vinho. — E como isso dá dinheiro?

— Anunciantes. E fazemos uma curadoria rigorosa de cada parceiro publicitário. Conteúdo patrocinado. Em geral, produtos de higiene íntima, marcas fitness, saúde e bem-estar — explico, assentindo enquanto minhas defesas se erguem como diques contra a maré. — Com a ideia de migrar, mais adiante, para um modelo de assinatura premium em camadas. — Ele não faz nenhuma pergunta de acompanhamento, mas eu sigo em frente enquanto o microfone ainda está do meu lado da mesa. — Foi justamente por isso que entrei em contato com você, para conversarmos sobre possíveis oportunidades de investimento.

— Certo. — Ele suspira. — Quero ser bem sincero com você.

— Ok... — Eu me concentro, pronta para receber mais uma dose de conselho empresarial não solicitado, daqueles que eu provavelmente já ouvi antes da boca de algum homem desagradável, às vezes acompanhado de um “querida” para completar o pacote.

Ele balança a cabeça.

— Não me interessa muito pelo tipo “mulher de carreira”.

Minha mão congela na taça.

— Como é que é?

Ele ri.

— Eu sei que isso não é muito progressista nem nada, mas estou procurando uma pessoa mais caseira, que fique de boa com a ideia de *eu* ser o provedor.

Eu o encaro, uma linha profunda se abrindo entre as minhas sobrancelhas.

Ele suspira, como se já esperasse que eu não fosse entender.

— Eu só não acho que um relacionamento funcione se os dois trabalham o tempo todo. Quem vai fazer a comida e manter a casa em ordem? Cuidar das crianças?

— O quê? — Aparentemente perdi a capacidade de formar frases completas.

— Não me entenda mal, acho ótimo ter sua própria vida e seus hobbies, mas simplesmente não vejo isso dando certo.

Eu fico olhando para ele, muda, estarecida, até que meu cérebro finalmente reinicia o sistema e pergunta:

— Você acha que isso aqui é um encontro?

Ele franze a testa, me encarando como se eu fosse maluca.

— E o que mais seria?

Arrasto a cadeira pelo chão, me afastando da mesa.

— Uma reunião. Para discutir você investir na minha empresa.

— Ah. — Ele solta uma risadinha, esvaziando a taça. — Você estava falando sério sobre isso? Achei que fosse só timidez.

Fico boquiaberta.

— A gente se conectou pelo LinkedIn.

Um canto da boca dele se repuxa.

— Pois é, né? Aplicativos de namoro estão um lixo hoje em dia, cheios de esquisitos e gente que é só uma perda de tempo. Fiquei um tempo no Ignite, mas nunca dá certo para os caras legais. É muito difícil namorar na cidade.

— Isso *não* é um encontro — esclareço, pela última vez, para ver se finalmente entra na cabeça dele.

Ele baixa os olhos e abre um sorriso torto.

— Ah, vai. Você não precisa fazer esse charme todo só porque a gente não é compatível para algo sério. Eu ainda te acho uma garota bonita. A gente podia só, sei lá, manter algo casual?

Não consigo evitar a careta de nojo que se forma no meu rosto, mas, logo em seguida, minha cabeça começa a revisar obsessivamente tudo o que eu disse e fiz até agora. As mensagens que enviei. Minha perna encostando na dele quando me sentei. Talvez eu devesse ter usado um terno em vez de um vestido.

— Desculpa se passei a impressão errada, mas isso não é um encontro. Eu não estou saindo nem “mantendo algo casual” com ninguém no momento.

E, mesmo que eu tivesse a mínima capacidade emocional ou mental para sair com alguém, definitivamente não seria com esse cara.

Os olhos dele se apertam por um segundo.

— Certo, bom. Tudo bem. Também não me sinto tão atraído por você assim; nunca fui muito fã de morenas — diz, recostando-se na cadeira. — Especialmente quando não parecem com a foto do perfil.

Faço um esforço enorme para não perguntar por que, então, ele sequer veio até aqui. Não quero prolongar essa conversa por mais nem um segundo.

Os olhos dele se franzem, curiosos.

— É estranho, porque agora que te vi pessoalmente, você parece bem familiar. Você fez faculdade de administração, né? A gente não tem amigos em comum?

— Não — respondo por reflexo.

O estouro de uma rolha de espumante me faz pular na cadeira, enquanto um medo conhecido sobe pelo meu estômago, azedando o vinho até virar vinagre.

— Não — repito, em voz baixa.

Ele se inclina na minha direção, analisando meu rosto.

— Tem certeza? Você estudou na Goldsmiths, né? Tenho alguns amigos que passaram por lá.

O sangue some do meu rosto, espalhando-se em urticária pela minha garganta.

— Provavelmente não. Era uma faculdade grande.

Ele estala os dedos na frente do meu rosto, os olhos arregalados.

— Espera. Já sei. Você trabalhou na Graystone. Você estava lá quando rolou aquele escândalo? Aquilo foi insano. Não acredito que o coitado foi demitido por causa de meia dúzia de fotos.

Minha cadeira raspa nas lajotas de terracota.

— Com licença, vou ao banheiro.

Forço um sorriso rígido enquanto me afasto da mesa e serpenteio pela multidão até o fundo do bar.

No instante em que fecho a porta do banheiro, meu peito começa a subir e descer de forma descontrolada.

Meu cérebro pulsa tão forte que parece um computador travando, superaquecido. Pontos pretos pipocam no meu campo de visão — flashes de memória.

Entrando no escritório, todo mundo olhando.

O rosto da minha amiga quando me puxa de lado.

Vendo as fotos, meu mundo implodindo.

O sexo foi consensual. As fotos que o Malcolm tirou, não. Depois, ele me convenceu de que eram só para ele.

Com o coração disparado, abro o LinkedIn e procuro por William Salter. Minha mão congela sobre a tela, a pele fria e pegajosa. Ele estava certo: temos sete conexões em comum. Quatro da universidade.

Mas são as três ex-colegas da Graystone que fazem alarmes dispararem dentro do meu crânio.

Com os olhos ardendo, sento na tampa do vaso e coloco a cabeça entre as pernas, respirando pelo nariz como os vídeos do YouTube ensinam, encarando sem foco a camada de poeira de cabeça para baixo acumulada na base da pia de porcelana e conto até sessenta — o ataque de pânico mais eficiente do mundo. Quando a respiração finalmente se normaliza, lavo as mãos, passo os dedos pela linha dos cílios inferiores e depois pelos cabelos.

Antes de fechar o LinkedIn, meus olhos travam num post da Ode-ricco Investments, um dos meus investidores dos sonhos, lá no topo da planilha de captação.

Chamada aberta para pitches de startups, encerrando hoje à meia-noite (GMT). Devido a conflitos de agenda, surgiu uma vaga para o TechRumble deste ano.

Logo abaixo, um link para o formulário de inscrição. O prazo original para os finalistas do TechRumble deste ano tinha acabado meses atrás, quando eu ainda estava nas etapas finais de negociação com outro investidor. O prazo passou, e o investidor me chamou de “florzinha” e depois sumiu. Dou um favorito no post, me preparando mentalmente para o problema mais imediato: voltar para aquele desastre completo de reunião. Quando empurro a porta do banheiro e sigo de volta até a mesa, William desapareceu. Junto com o casaco. Todo e qualquer vestígio do nosso “encontro” evaporou — exceto pela conta não paga, repousando numa pequena bandeja de prata bem no meio da mesa.

CAPÍTULO 2

Saldo da Conta Empresarial (WYST): £13.216,57

Saldo da Conta Pessoal: -£1.960,63

Transações Recentes:

The Withering Vine Londres: £150,00

Transporte para Londres: £2,90

Trinta minutos depois de uma quantidade humilhante de tentativas de “seu cartão foi recusado” no bar, empurro a pesada porta do escritório, ainda segurando uma garrafa de vinho pela metade. O abafador de vento sibila contra o carpete quando vejo as cabeças da Cecily e do Pacha surgirem de trás das telas dos computadores. O cheiro familiar de velas da TK Maxx acesas que, segundo a Cecily, “são idênticas às da Anthropologie” me atinge em cheio enquanto quase tropeço numa caixa de camisetas promocionais para chegar até a minha mesa.

— E aí, como foi? — pergunta Pacha, com o agasalho verde da Adidas mais neon do que nunca hoje.

— Você não contou para ele? — pergunto à Cecily.

Ela dá de ombros.

— Ele está mergulhado nisso há horas.

Pacha é fluente em JavaScript, não em conversa fiada de escritório, mas logo percebemos que seu jeito direto e sem rodeios era o contraponto perfeito à minha e à da Cecily, que conseguimos conversar sobre literalmente qualquer coisa por horas a fio.

Jogo a bolsa no chão e desabo na cadeira do escritório.

— Ele achou que era um encontro e ainda me deixou com a conta de uma garrafa de vinho de cento e cinquenta libras.

— Que babaca — responde Cecily. — Mas fico muito feliz em assumir isso para mim. — Ela arranca a garrafa da minha mão.

— Por que ele achou que era um encontro? — pergunta Pacha, já com metade da atenção de volta ao computador.

Cecily grita antes que eu consiga abrir a boca:

— Porque ela tem uma vagina e, portanto, é obviamente incapaz de apresentar uma proposta de negócio!

Pacha me olha, confuso.

— Sério?

Eu o encaro.

— Você está chocada com a proposta de negócio ou com a vagina?

Pacha faz uma careta e desliza os fones grandes de volta sobre as orelhas.

Cecily se acomoda na cadeira e me entrega um café numa caneca lilás com o logo da Wyst.

— Se você fosse um homem, isso teria sido completamente diferente.

Massageio as têmporas.

— Se eu fosse um homem, muita coisa seria diferente. Olha isso aqui.

Ela se inclina para ver o post da Odericco Investments na tela do meu celular.

Os olhos dela se arregalam.

— Você vai se inscrever? O prazo acaba à meia-noite.

— Tenho todos os pitch decks prontos — digo, clicando no portal de inscrição. Quando começo a digitar meu nome, solto uma risada sem humor ao abrir o menu suspenso de pronomes de tratamento. — Talvez eu devesse selecionar “Sr.” Cole, só para garantir que a Odericco Investments inteira saiba que não estou chamando ninguém para um encontro.

— Provavelmente chamaria a atenção também — avalia Cecily, enquanto cutuca a própria cutícula. — Todo mundo ama quando um homem sai defendendo causas femininas.

Reviro os olhos.

— Especialmente empresas gigantes como a Odericco.

A Odericco Investments é uma das maiores firmas de investimento do mundo, com escritórios espalhados por todos os continentes. O TechRumble acontece durante o Summit of Innovation anual deles.

Empresas iniciantes só entram se sobreviverem à competição da Odericco, uma espécie de Jogos Vorazes corporativo, com várias rodadas eliminatórias. Milhares de startups se inscrevem todos os anos. Há prêmios para primeiro, segundo e terceiro lugar — £500 mil, £250 mil e £100 mil respectivamente — além do respaldo e da mentoria do próprio Dominic Odericco. Dominic é famoso por ser implacável, mas o dinheiro é muito sério. E mesmo que você não ganhe, só o fato de estar ali, de receber um convite para subir naquele palco e competir, já te coloca diante de grandes fundos de capitalistas de risco e investidores que estão à caça da “próxima grande coisa” do mundo da tecnologia. Portas que venho arranhando há dois anos.

Enquanto observo a barra de upload da minha apresentação avançar lentamente, meu celular vibra com uma mensagem de Will no LinkedIn. Abro na esperança de que seja um pedido de desculpas por ter fugido da conta. Agora que dormir comigo está claramente fora de cogitação, talvez ele finalmente se interesse pela oportunidade de investimento.

Uma nova mensagem de William Salter.

Lembrei de onde te conheço.

Meus ouvidos começam a zumbir enquanto fico completamente imóvel. Minha reação imediata é bloqueá-lo, mas outra mensagem pipoca na tela antes que eu consiga.

Talvez eu devesse ter ficado ;)

E aí está.

O demônio grudado nas minhas costas. O espectro que nem *sempre* aparece atrás de mim no espelho do banheiro, mas aparece o suficiente para me fazer estremecer toda vez que olho.

O som do interfone me puxa de volta para a sala. Logo em seguida, meu irmão, Spencer, irrompe pela porta como um carro furando o si-

nal vermelho. Lanço um último olhar para o celular e bloqueio a conta do Will antes que ele consiga me mandar qualquer outra coisa.

— Por favor, não fala comigo — anuncia Spencer, arrancando o cachecol xadrez de angorá verde e o gorro combinando. O cabelo sujo loiro-escuro se esvoaça quando ele despenca no sofá.

— Estou acordado desde as três da manhã e acho que meus ossos se transformaram em pingentes de gelo.

O rosto dele, ainda com um leve brilho da maquiagem de palco da noite anterior, reluz sob a luz fluorescente.

Londres está congelante. Um frio fora de contexto, desses que deveriam ser apreciados enrolada numa casa de campo, diante de uma lareira crepitante, com uma taça de vinho tinto e um bom livro. Só de vez em quando levantar os olhos da leitura, olhar pela janela e comentar: “Quem sabe a gente faz bonecos de neve antes do jantar”, enquanto algum gato ou cachorro peludo se enrosca nos seus pés com meias grossas. Em vez disso, você é obrigada a travar uma batalha campal por alguns centímetros de espaço no metrô, já que todo mundo que normalmente anda a pé ou de bicicleta evita passar um segundo a mais do que o absolutamente necessário do lado de fora, enfrentando o vento cortante, a lama cinzenta e a escuridão das quatro da tarde. É como ir do congelamento ao suor e voltar ao congelamento umas dez vezes seguidas no spa austríaco mais mal-humorado do mundo, tudo isso antes mesmo de chegar ao escritório.

— Então, as filmagens foram boas? — pergunto, erguendo uma sobrancelha.

Ele se livra das camadas acolchoadas da North Face e joga tudo sobre a mesa, do outro lado da sala.

— Achei que ia ter um papel com destaque, mas tudo o que fiz foi atravessar a rua de um lado para o outro com cara de quem está refletindo profundamente. Aí, quando a gente *finalmente* estava encerrando, um assistente percebeu que um dos figurantes estava usando um Apple Watch com um terno elisabetano de três peças, então tivemos que voltar todo mundo para o figurino e refazer a cena por mais três horas intermináveis.

Faço uma careta.

— Nããã... ele foi demitido?

Spencer assente, solene.

— Executado no ato.

— Tinha algum famoso? — pergunta Cecily, com os olhos brilhando.

— A Jennifer Lawrence comprou chocolate quente chique para todo mundo.

Ele dá de ombros, fingindo indiferença, mas um sorrisinho traiçoeiro aparece no canto da boca quando Cecily solta um suspiro empolgado.

Esses pequenos detalhes, aparentemente insignificantes, fazem todos os nossos amigos e familiares ficarem literalmente na palma da mão do Spencer. Eu nunca tive isso, essa capacidade inata de encantar as pessoas com tanta naturalidade quanto respirar. Quando dividimos o mesmo útero, os genes do charme, da autoconfiança e da boa oratória foram todos, sem exceção, para o Spencer. O trabalho mais recente dele, um papel de figurante com destaque, pagando salário mínimo, num filme de época biográfico, a estreia de Hugh Jackman como diretor, estrelado por Jennifer Lawrence, virou a grande atração do boletim natalino anual da família Cole. Assunto: Spencer, o Superastro!

A Wyst nunca apareceu no boletim da família. Minha mãe garante que, assim que eu fechar investimento numa rodada *seed*, ela inclui — mas, por enquanto, não quer me “constranger” caso o negócio dê errado.

Enquanto o carisma natural do Spencer e a trajetória da carreira dele seguiram uma trilha de migalhas cuidadosamente espalhadas de sonhos e expectativas, meu conjunto de habilidades sempre veio, em grande parte, na forma de pura força de vontade. Uma disposição quase teimosa de priorizar conquistas acima de dormir, comer, cuidar de mim mesma e, como meu pai gosta de dizer, “ser um membro ativo desta família”.

— A mamãe não para de pedir para eu mandar fotos do figurino para a página dela no Facebook — comenta Spencer.

Ele evita mencionar que não é exatamente o Facebook dela, mas uma página que ela mantém *para ele*, onde publica atualizações dos trabalhos mais recentes e “conteúdos exclusivos dos bastidores”. Em defesa do Spencer, ele não pediu para ela criar a página, mas também nunca pediu para apagar.

— Ah, então ela está viva — digo. Ela não retornou minhas ligações nas últimas duas semanas, desde que recusei a oferta de emprego do meu pai, feita por intermédio do amigo dele, Darren, que estava procurando um novo supervisor de linha na usina de processamento de resíduos da cidade:

— *Você quer que eu literalmente gerencie gente remexendo lixo?*

— *Tem muita possibilidade de crescimento; a indústria de resíduos está bombando agora.*

— *FemTech também está — rebati.*

— *Se está bombando tanto, por que você vive no aperto?*

Spencer gira a cadeira até a minha mesa. A luz da janela do terceiro andar ilumina seu rosto quando ele cruza as pernas e entrelaça os dedos sobre o joelho.

— Então... eu vim falar com você.

— Você acabou de dizer “por favor, não fala comigo” — lembro, sem tirar os olhos da tela, concentrada em copiar e colar as informações da empresa no formulário de inscrição.

Ele abre um sorriso cafona.

— Tudo bem, porque eu só preciso de um aceno de cabeça seu.

Não digo nada, conforme instruído anteriormente.

— Você sabe que é a minha irmã gêmea *favorita*, né? — continua ele.

— Primeiro: eu sou a sua única irmã gêmea. Segundo: você está sugerindo que, se tivesse outros irmãos que não fossem gêmeos, eu não seria a favorita?

Ele se recusa a entrar no jogo.

— Eu estava pensando que, agora que o filme terminou, talvez eu pudesse aumentar um pouco minhas horas no escritório?

Entre um trabalho e outro como ator, Spencer ajuda respondendo e-mails de usuários, organizando o escritório, criando planilhas de despesas e atendendo o telefone. Basicamente, um estagiário glorificado com e-mail corporativo, mas eu só consigo pagar dezesseis horas por semana.

Viro a cadeira para encará-lo.

— Eu adoraria que você encontrasse para a gente uma montanha de dinheiro.

— O que aconteceu?

— Um investidor em potencial virou um encontro — diz Cecily. Ele me lança aquele olhar de preocupação que você daria a uma criança que acabou de cair enquanto estava correndo.

— Ah, Jess... você não está tão desesperada assim, né? Atiro uma caneta nele.

— Não! Eu só queria que a gente tivesse alguma coisa encaminhada para a reunião com a Dra. Bernie amanhã.

Minha mente fica em branco por alguns segundos enquanto a voz ecoa dentro da minha cabeça:

Talvez seja o seu nome. Talvez todos os investidores anteriores reconheçam, assim como o Will reconheceu — é por isso que continuam te rejeitando. Talvez a Dra. Bernie te veja do mesmo jeito que todo mundo: uma mulher que tomou uma decisão idiota e custou a carreira promissora de duas pessoas.

— Talvez a gente devesse remarcar — digo à Cecily, a ansiedade subindo pela minha garganta como um calor seco.

Ela parece genuinamente ofendida.

— Você tem ideia de quanto tempo eu levei só para conseguir *farejar* uma reunião com a Dra. Bernie? Não existe a menor possibilidade de remarcar.

— Quem é a Dra. Bernie? — pergunta Spencer, servindo para si mesmo uma taça das duas da tarde daquele vinho caríssimo.

Cecily arregala os olhos.

— Como assim você não sabe quem é a Dra. Bernie? Ela simplesmente tem o melhor podcast de todos os tempos. Eu já te mandei episódios!

Ele gira a cadeira de um lado para o outro, mordendo o lábio.

— Aquele em que eles falam de dramas nichados da SewingTok?

Ela balança a cabeça.

— Não. O outro.

Ele olha para o teto, quebrando a cabeça.

— O em que eles reassistem toda a filmografia da Krysten Ritter?

Aponto o dedo para ele.

— Não. Mas esse é bom, viu.

A Dra. Bernie é minha baleia branca. Estou tentando, há meses, marcar uma reunião com ela para que seja o rosto da WYST. O podcast dela, *How Have You Been?* — um podcast-terapia conceitual focado em

saúde mental feminina e experiências com as quais dá para se identificar — lidera as paradas de saúde e bem-estar toda semana. E quando ela traz, de vez em quando, alguma celebridade para falar abertamente sobre suas dificuldades, é praticamente garantido que chegue ao primeiro lugar geral. Trechos vivem viralizando nas redes sociais por causa da franqueza crua e do acolhimento sem filtros que ela oferece em seus conselhos. Ela é uma das grandes inspirações por trás da WYST, e só estar na mesma sala que ela já seria um sonho realizado.

Spencer olha pra Cecily.

— Como você conseguiu isso?

— Comecei a seguir o TikTok da assistente pessoal dela há alguns meses e fiquei de olho como uma águia. Aí ela foi marcada num vídeo com um cabeleireiro de Londres, então segui ele no Instagram, e ele postou um story no hotel. Fui lá tomar café da manhã e, *por acaso*, dei de cara com a assistente pessoal dela e fiz o pitch da WYST. Ela deve ter repassado para a Dra. Bernie, porque a assistente literalmente me mandou uma DM algumas semanas atrás dizendo que ela estaria na cidade se a gente quisesse conversar. — Ela vira a tela do celular para mim, para eu ler a mensagem.

Mais uma vez, a boca do Spencer fica aberta.

— Uau. Você é oficialmente insana, e eu amo isso.

— Todo gênio do mal precisa de um capanga maluco. — Ela pisca para mim e se recosta na cadeira, apoiando vitoriosamente os saltos agulha sobre a mesa.

Cecily transforma o inacessível em acessível. Uma *stalker* de redes sociais de nível profissional, o alcance dela é algo que eu nunca consigo compreender por completo. Apaguei todas as minhas redes sociais três anos atrás e nunca olhei para trás. Voltei no ano passado com um perfil privado e anônimo só para acompanhar qualquer menção à WYST e foi assim que tropecei no podcast da Dra. Bernie. Alguma coisa nela fisgou minha atenção no meio de eras infinitas de conteúdo sobre casa e estilo de vida (meu estúdio mofado jamais), vídeos aleatórios de dança (não sei dançar) e tutoriais de culinária (qualquer coisa além de feijão com torrada estoura o orçamento). Talvez seja o tom de voz suave, mas seguro; o jeito gentil e firme ao mesmo tempo; ou a predileção por ternos de veludo em tons de joia caríssimos e blusas com laço no

pescoço. Seja o que for, algo nela permaneceu comigo numa época em que nenhuma outra voz conseguia atravessar o barulho.

Os nervos fazem um motim no meu estômago só de pensar em ficar cara a cara com alguém tão consolidada quanto a Dra. Bernie. Ela pode consolidar — ou destruir — uma empresa como a minha. Numa entrevista para a GQ no YouTube, em que falava sobre suas “*coisas favoritas*”, ela destacou o amor por uma caneca de café autoaquecida. Era de uma startup pequena, fundada por mulheres, e esgotou em questão de minutos. Hoje, a marca tem um espaço permanente na Selfridges, uma presença gigantesca nas redes sociais e uma lista de espera quilométrica. O poder de influência da Dra. Bernie não é algo a se subestimar. Quando uma artista independente falou, numa entrevista com ela, sobre o trauma de ter sido dispensada pela gravadora, seu novo single viralizou no TikTok. Quando a Dra. Bernie entrevista autores, eles viram best-sellers. Ela tem o toque de Midas para qualquer pessoa que esteja buscando alcance em massa entre mulheres. Ela pode nos transformar de completas desconhecidas em *alguém*.

Spencer interrompe meu fluxo de pensamentos pigarreando.

— Então... sobre aquelas horas extras no escritório?

Meu estômago se revira. Normalmente, eu consigo ajudar. Esse negócio de gêmeos só piora a culpa.

— Desculpa, mas no momento não consigo te dar mais do que dois dias por semana.

Tradução: cada pagamento de aluguel me afunda ainda mais no cheque especial, o banco não para de deixar recados ameaçadores na minha caixa postal, eu já estou tentando quitar empréstimos estudantis e da empresa, e começo a considerar seriamente abrir mão do meu estúdio — afinal, para que pagar por uma cama se o nosso escritório minúsculo tem um sofá até que decente?

Spencer murcha, mas insiste, examinando as próprias unhas.

— É que eu estou devendo uma grana para o teatro e um dinheiro extra entre um trabalho e outro ajudaria bastante...

— Eles não aceitam o chocolate quente chique da Jennifer como forma de pagamento?

O arrependimento sobe quente pelas minhas bochechas quase imediatamente.

— Desculpa — acrescento, antes mesmo de conseguir puxar o ar depois da frase.

Ele solta um riso curto. Quase um riso. Um *riso light*.

— Não. E, para compensar, ela deu um bilhete de loteria para todo mundo e decretou... — Spencer joga os braços para o alto como um torcedor num estádio — “Cada um faz a própria sorte, rapazes!”

Algo se acende no olhar dele, e Spencer enfia a mão no bolso.

— Que tal isso? — Os lábios se curvam naquele sorriso de quase famoso. — Você me dá algumas horas a mais este mês e eu divido qualquer prêmio com você. Cinquenta a cinquenta.

Ele balança um quadradinho azul e dourado brilhante na frente do meu rosto, como se fosse o Charlie Bucket e eu, o avô rabugento.

Ergo uma sobrancelha, entrando na brincadeira.

— Isso antes ou depois dos quinze por cento do diretor?

— Vocês dois são idiotas. — Cecily ri do outro lado da mesa.

— Ele sobrevive. Quer raspar? — Spencer estende o cartão na minha direção, fazendo biquinho.

Estendo a mão, mas hesito.

— Não. Foi dado para você. Dá azar se eu raspar.

A inscrição do TechRumble queima na minha visão periférica enquanto Spencer pega uma moeda e começa a raspar o primeiro campo prateado, espalhando farelos metálicos pela superfície branca e impecável da minha mesa.

Ele engasga quando um emoji de cereja aparece sob seus dedos.

— A gente precisa de cinco em sequência para ganhar o prêmio máximo.

— E qual é o prêmio máximo? — pergunto.

— Cinquenta mil — responde ele, mortalmente sério.

Ele limpa o próximo campo, revelando uma segunda cereja vermelha brilhante.

Nós nos entreolhamos, sugados pelo suspense, enquanto ele arrasta a moeda azulada sobre o terceiro círculo. Uma terceira cereja.

— E o que você faria com os seus vinte e cinco mil? — pergunta Spencer, mexendo as sobrancelhas para mim, numa alegria infantil.

Minha mente dispara, fantasiando com uma vida sem dívidas. Nada de ligações do banco sobre o cheque especial. Empréstimos estudantis

quitados. Não cobriria o aluguel do estúdio, o aluguel do escritório e os salários de todo mundo, mas me daria um fôlego enquanto eu fechava contratos com anunciantes e finalizava o site para um lançamento beta. Um dinheiro desses me tiraria do modo sobrevivência e me colocaria, pela primeira vez, no modo aproveitar o que estou tentando construir. Um dinheiro desses mudaria a minha vida. Eu não precisaria me inscrever em coisas como o TechRumble, implorando só pela chance de competir por financiamento.

Antes mesmo de eu conseguir responder, ele suspira, sonhador.

— Sempre quis ir para as Maldivas.

Levanta o queixo, como se tentasse sentir o cheiro do ar salgado do mar, e continua raspando.

— Puta merda. — Cecily puxa a cadeira para mais perto, amassando uma lata de Diet Coke na mão, enquanto Spencer esfrega a moeda com força no quarto campo e revela mais uma cereja.

Meu estômago se contrai. Uma pontinha de esperança aquece meus nervos contra a nevasca que se forma lá fora. E se isso for real?

Não é como se estivéssemos passando fome. Gosto de acreditar que nossos pais ajudariam se a gente realmente, *realmente* precisasse. Especialmente os da Cecily, cuja riqueza geracional faz a família real parecer sem um tostão. Mas eu nunca conseguiria pedir isso a ela. Os pais dela querem que ela entre para o negócio da família ou que lhes dê vários netos, e, infelizmente, um dos poucos traços de personalidade que compartilhamos é a teimosia e o orgulho. Decepcionar nossos pais é o pior cenário possível. Eu não posso decepcionar os meus pais. Não de novo. Talvez, no meu caso, seja coisa de gêmeos. Ter um irmão no mesmo ano escolar, nas mesmas turmas e passando pelas mesmas fases da vida sempre tornou as comparações inevitáveis. Eu sempre fui melhor em provas e trabalhos; o Spencer sempre foi popular, querido por todos. Nunca perguntei aos meus pais por que não me incentivaram a ajudar o Spencer com os estudos, nem a ele a me apresentar aos amigos. Mas nossas diferenças foram corroendo a nossa infância, e as marcas das mordidas ainda estão todas aqui.

A mão do Spencer treme enquanto ele arrasta a moeda mais uma vez, revelando uma explosão de vermelho sob a superfície cinza e brilhante. Já sinto as lágrimas de alívio ardendo nos olhos.

Ele raspa o restante com empolgação, e revela um grande X vermelho. Um *buzzer* visual, estilo programa de auditório, berrando “NÃO-NÃO”. Meu peito murcha, deixando o sonho pegar uma viagem só de ida na expiração dos meus pulmões.

Ficamos alguns segundos em um silêncio constrangido, até que, por fim, os olhos verdes do Spencer encontram os meus.

— Você acha que aquela usina de lixo ainda está contratando?

Com um suspiro resignado, aperto enviar na inscrição do TechRumble sem pensar duas vezes.

Amostra